

A VERDADE E UM POUCO MAIS

Vana Medeiros

(em colaboração com as atrizes

Marina Regis e Renata Alves)

“É preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo.”

Raduan Nassar, Lavoura Arcaica

1. EU PRECISO CONTAR PRA VOCÊS

TUCA

(Sozinha na tela, Tuca confirma se todos conseguiram entrar. Se estão bem, confortáveis, e se ela pode começar o que tem a fazer hoje. Eles não têm tempo a perder.)

Olá pra todos. Eu sei que faz tempo que ninguém diz isso pra vocês, mas eu queria pedir que vocês desligassem os celulares. De verdade, tá? A não ser quem estiver vendo isso pelo celular é claro. Nesse caso se vocês puderem ligar aquela função "não perturbe" seria bom. Eu não vou conseguir fiscalizar vocês daqui, na verdade eu não consigo nem ver vocês, mas a questão é que o que eu tenho pra contar é importante. Mesmo.

Vocês já entraram aqui no link, agora é só procurar um lugar confortável aí na casa de vocês que a gente cuida do resto.

Mas sem celulares, tá? Deixa em outro cômodo, sei lá. Eu sei que é difícil, mas eu espero que não seja impossível.

Boa noite (nomes)...Acho que vocês já estão prontos e já temos bastante gente, então vamos começar.

Eu preciso contar uma coisa pra vocês. Eu preciso estar aqui, onde eu estou agora, e contar uma coisa pra vocês.

Eu não sei se eu sou a melhor pessoa pra contar isso. Talvez eu me perca. Talvez eu esqueça alguma parte da história ou deixe vocês mais confusos ainda.

(percebe alguém na sala, chama o espectador pelo nome)

Você estava aqui na semana passada, não estava? Você entendeu alguma coisa?

TATA

Oi, eu estou um pouco confusa. A gente tinha combinado de se encontrar aqui, mas eu não lembro muito bem como você é.

(Tata entra na tela. Percebemos que está falando ao celular.)

Pode me dar uma dica? Qual é o seu nome de usuário? Você tem certeza que não é... (fala o nome de alguém do público)? Me dá um sinal? Já tá na hora!

(Desliga.)

TATA

Eu preciso contar pra vocês. Eu preciso estar aqui, onde eu estou agora, e contar uma coisa pra vocês. Eu não sou a melhor pessoa pra estar aqui hoje. Eu até escrevi umas cenas. É que não era eu que ia fazer. Eu tinha chamado uma atriz aqui. Uma atriz profissional mesmo. Sabe aquelas atrizes incríveis, estas que nasceram pra isso? Então. Ela ia estar aqui onde eu estou agora e ia contar pra vocês. Pronto, acabou, rápido. Só que ela não me atende. Só um minutinho.

TUCA

Eu pensei em chamar uma atriz aqui. Uma dessas atrizes incríveis, uma dessas atrizes que nasceram pra isso, uma dessas atrizes que não sou eu. Ela seria tão incrível que talvez vocês saíssem daqui diferentes do que entraram hoje. Talvez vocês achassem que o ingresso não foi tão caro e que o que você gastou de internet pra ver essa transmissão até que valeu a pena.

TATA

(no celular)

Oi, você é morena?

TUCA

Ela seria loira.

TATA

Eu tenho uma teoria de que as atrizes morenas são muito melhores.

TUCA

Vocês já perceberam como essas atrizes são muito melhores? (Pausa) As loiras. Ela teria olhos grandes. Sabe? Aquele olhar de atriz. Ela teria muita habilidade com a câmera e muitos seguidores.

TATA (no celular)

Oi, eu posso te pedir uma coisa? Eu queria uma voz grave. Sabe essas vozes que só as atrizes sabem ter? E um rosto forte, bem marcado, destacado, mesmo.

TUCA

Eu pensei em colocar ela aqui na tela comigo. Ia ser uma coisa meio metalinguística.

TATA

Ela ia poder me interpretar.

TUCA

Ela ia me interpretar, e eu ia interpretar ela e eu mesma ao mesmo tempo.

TATA

Ela ia fazer vocês chorarem.

TUCA

Vocês iam sair daqui falando... vocês iam sair daqui falando...

TATA

(texto da atriz)

Eu fui ver uma peça de teatro online outro dia. Estava tudo pronto, todo mundo ali. Deu o horário, todo mundo conectado, a atriz estava ali... mas ela não estava ali, sabe? O teatro não estava lá. Ela falava as suas falas e o teatro não aparecia. Silêncio. Dá pra imaginar isso? Caralho!

TUCA

Vocês iam sair daqui falando... caralho!

TATA

Ia ser tão moderno.

TUCA

Que moderno! E a gente ia ficar feliz. Porque moderno é bom.

TATA

Moderno é ótimo.

(Silêncio.)

TUCA

Mas a questão é...

TATA

Não. Sou eu que tenho uma coisa pra contar.

TUCA

... eu preciso contar uma coisa pra vocês. Uma coisa que pode, quem sabe, fazer as coisas se mexerem um pouco, fazer a gente se mexer um pouco.

TATA (pra câmera 1)

Uma coisa muito forte e muito verdadeira que aconteceu comigo.

TATA (pra câmera 2)

Foi ELE...Foi ELE que aconteceu comigo.

(Tuca escreve na placa "Ele", tenta mostrar para câmera, que troca. Tenta mais uma vez e mais uma. Na quarta tentativa engana a câmera e consegue mostrar. Ela passa mal e as câmeras se fecham)

2. PRÓLOGO - A JAULA

(Na tela preta, antes de qualquer imagem se formar, surgem as palavras abaixo.)

Eu tenho um sonho recorrente.

Quase todas as noites eu sonho que estou dentro de uma sala vazia e escura. Lá dentro, bem no fundo, eu vejo uma jaula. Você está ali. Encurvado, acuado como um animal ferido.

De repente, eu estou dentro da jaula, com você, e a gente está junto.

Você me olha com pena, como se eu fosse um animal preso em uma jaula e fosse você que estivesse do lado de fora. Eu te olho com pena também.

Você começa a me enforcar. Tão forte que eu sinto, na minha garganta de verdade, esse sonho arder.

3. A ENTREVISTA

(As quatro câmeras se abrem novamente. Aparecem Tata e Tuca duplicadas.)

TATA

Eu pensei em trazer uns desenhos, umas fotos, uns fluxos de pensamento, falar umas frases que ELE dizia.

TUCA

Uma entrevista!

TATA

Uma entrevista seria útil.

(Tuca e Tata praparam uma nova iluminação.)

TUCA

O senhor pode falar o seu nome pra gente, por favor?

TATA

Idade.

TUCA

Filiação?

TATA

Em que cidade o senhor nasceu?

TUCA

Quanto tempo faz que o senhor está em São Paulo?

TATA

O senhor já foi casado quantas vezes?

TUCA

Nome e idade de cada esposa, em ordem de casamento.

TATA

Você se lembra do Harry?

TUCA

O que você lembra da mamãe?

TATA

Você também sonha comigo?

TUCA

O senhor consegue se lembrar dos nomes de todos os 12 apóstolos?

TATA

Nomes e presentes dos 3 reis magos, por favor.

TUCA

POR QUE VOCÊ NÃO FOI EMBORA?!

TATA

Você já leu Kafka?

TUCA

O que ela fez pra você?

TATA

Por que você só não deixou ela ir?

TUCA

E se eu tivesse te enfrentado?

TATA

POR QUE VOCÊ NÃO VAI EMBORA?!

TUCA

Você se lembra do seu pai?

TATA

E o seu pai? Como era?

4. O JULGAMENTO

TUCA

Se vocês me permitirem, (Tata e Tuca voltam a iluminação anterior) eu não quero demorar muito aqui, tem outras peças online acontecendo, a internet tá bombando e o pessoal quer ir embora. Então vamos direto ao assunto. Prova número 1. O casaquinho vermelho. (bate no pandeiro e mostra um desenho de uma criança vestindo um casaquinho vermelho)

TATA

Quê casaquinho?

TUCA

O seu casaquinho.

TATA

Esse?

TUCA

É!

TATA

Ah, tá. "Prova". Sei. Não prova nada isso.

TUCA

Como não? Foi você mesmo que usou! Na única vez, que ele vestiu o já famoso casaquinho vermelho em sua filha mais velha, o mesmo foi colocado com os botões trocados, como vocês podem ver.

TATA

E isso prova o quê?

TUCA

É prova de caráter que chama. Serve pra mostrar que tipo de pessoa ELE é. Não é isso que a gente veio fazer aqui?

TATA

Prova de caráter? Isso aqui é prova de caráter! Prova A. (mostra a saia de balé preta. Insiste até Tuca bater no pandeiro)

TUCA

O seu tutu? Foi ele que te deu!

TATA

Eu sei!

TUCA

Isso prova o quê? Que ele te dava presentes?

TATA (vai colocando a saia)

Ele me dava presentes sempre que fazia alguma coisa horrível. Esse presente ele me deu logo depois do Harry. Tá vendo? (dança um pouco) É uma prova. De que ele fez uma coisa horrível.

TUCA

Prova número 2.

TATA

Aff.

TUCA

Estas são as chaves do quarto, onde aconteciam as sessões de tortura psicológica.

TATA

Essa é boa. Eu tenho uma parecida. (procura pelas chaves da caminhonete)

TUCA

As sessões duravam horas, às vezes dias inteiros. Em uma determinada ocasião, o réu a manteve 14 horas e meia dentro do quarto do casal, sem deixar que ela saísse para comer, beber ou para realizar suas necessidades fisiológicas.

TATA

Nossa.

TUCA

Pois é.

TATA

E como ela fez?

TUCA

Fez o quê?

TATA

As necessidades fisiológicas.

TUCA

Num balde.

TATA

Nossa.

TUCA

Pois é.

(Silêncio.)

TUCA

O que que é isso na sua mão?

TATA

Ah, não sei se é melhor. É a chave da caminhonete dele.

TUCA

É uma boa prova pra sua história também.

TATA

Prova B. (Tuca bate no pandeiro) E a corda que ele usou.

TUCA

Prova C! (bate no pandeiro)

(Tata se assusta e desiste de contar, Tuca tenta insistir com a irmã)

TATA

Não Tuca. Próxima prova.

TUCA

Prova número 3!

TATA

Eu lembro dessa gaita.

TUCA

Sempre que ele se trancava no quarto com a minha mãe, madrasta da meia-irmã ao meu lado e minha mãe, Tata se punha a tocar a gaita, em uma tentativa inútil de abafar os sons inadmissíveis que vinham daquele quarto.

(Tata dá algumas notas baixas na gaita)

TUCA

Ela tocava tanto, mas tanto, que anos depois se transformou em uma exímia tocadora de gaita! (começa a tocar muito alto e com empolgação). Exímia tocadora de gaita, Tata! (Tata continua tocando, Tuca se irrita com o som e tenta gritar para que ela pare, até que desiste e corta a câmera da irmã.)

5. CUIDADO

(Tuca está sozinha na tela. Grava uma mensagem no celular.)

TUCA

Oi, dá licença. Você que é a atriz que ela chamou, não é? Aqui é a... irmã dela...a meia-irmã dela. É complicado. Se você tivesse vindo, talvez você entendesse em algum momento. Posso te pedir uma coisa? Por favor, toma cuidado. Anda só pelas avenidas. Não pega nenhuma rua que você não conhece, tá? E, quando você estiver vindo pra cá, se você puder não amar ninguém, fica mais fácil. Você vai conseguir odiar melhor quando chegar aqui. Porquê a gente precisa que você odeie.

6. SIMULAÇÃO 1 - TATA E HARRY

(Tuca chama Tata de volta para a tela. Tata está brava com a irmã. Tuca tenta acalmá-la.)

TUCA

E se a gente fizesse uma simulação? Uma daquelas simulações tipo que a gente via no Linha Direta, ou no Você Decide.

(Silêncio da Tata)

TUCA

Chamam atores pra isso também, profissionais.

(Silêncio da Tata)

TUCA

Ou então fazem aqueles desenhinhos 3D horrorosos. Eu podia fazer.

(Silêncio da Tata)

TUCA

A gente não precisa fazer o desenho.

TATA

A GENTE NÃO CONSEGUE FAZER NADA! Nem desenho, nem simulação, nem nada. Foi por isso que eu chamei a atriz.

TUCA

Ela não veio, ela não vai vir. Aceita.

TATA (gravando um áudio)

Oi, com licença, quando você vier, será que você pode ser uma dessas pessoas bem solares? Com uma atitude positiva com relação à vida?

TUCA

TATA! O QUE VOCÊ FEZ NO CABELO? Você tá linda. Tá muito, como eu posso dizer? Solar. Parece que você tem uma atitude positiva com relação à vida, sabe?

TATA

Ai, Tuca. Nossa. Que ótimo. Tá ajudando muito.

TUCA

Não era isso que você queria?

TATA

Não! Eu preciso de uma atriz profissional!

TUCA

Pra te interpretar.

TATA

Isso.

TUCA

E quem vai fazer ele? E o Harry? E eu?

TATA

Na minha história você não era nem nascida. Cuida da sua história que eu cuido da minha.
E o resto ela faz também.

TUCA

Ela faz todo mundo?

TATA

Dá pra fazer. Eu já vi.

TUCA

Então a gente faz. (entrando no Drive da Tata).

TATA

O que você está fazendo?

TUCA

Pegando o seu texto.

TATA

Mas eu não mandei pra você.

TUCA

Mas colocou no Drive não colocou?

TATA

Sim.

TUCA

Tata! Sabe como é perigoso usar o seu aniversário como senha?

TATA

Tuca, para! Tuca sai do meu email!

TUCA

Pronto! Vamos ver se isso funciona mesmo.

TATA

Não é pra ler...

TUCA

Shiiii! (Vai lendo as falas.). Ta bom...Eu faço o Harry.

TATA

E eu? Faço quem?

TUCA

SHHHHHIII.

(A simulação.)

TUCA/HARRY

Que silêncio aqui embaixo, né?

TATA

O que foi isso?

TUCA

Foi o Harry. Eu estou fazendo o Harry.

TATA

O Harry é um cachorro.

TUCA

Eu sei disso.

TATA

Isso que você fez aí não é um cachorro.

TUCA

Você quer que eu lata?

TATA

Se você estiver disposta eu quero.

TUCA

Eu não estou disposta.

TATA

Quero que você tente.

TUCA

Eu não vou latir.

TATA

Faz parte do jogo. Você está fazendo um cachorro.

TUCA

Eu estou fazendo um cachorro. Pra mim, é assim que cachorros falam.

TATA

Cachorros não falam. Eles latem.

TUCA

Eu não vou latir.

(Silêncio.)

TUCA/HARRY

Que silêncio aqui embaixo, hein?

TATA

Aqui embaixo onde?

TUCA

Quê?

TATA

Eu não escrevi isso. "Que silêncio aqui embaixo." Você está improvisando.

TUCA

Não funcionou?

TATA

Não.

TUCA

Mas eles estão na garagem.

TATA

Eles não estão na garagem.

TUCA

Mas a minha mãe me contou assim, que ele levou o Harry até a garagem, pegou a corda...

TATA

A sua mãe não estava na história. Ela veio depois. A minha mãe estava.

TUCA

E você vai fazer ela?

TATA

Não, Tuca. Eu vou fazer o papai.

TUCA

Na garagem.

TATA

Na sacada.

TUCA

Na sacada?

TATA

A gente não vai fazer o ato em si. A gente vai fazer a cena que vem depois do ato. Ele encarando a própria consciência. Olhando lá embaixo, o carro. Talvez com as mãos ainda cheias de sangue. Chama refinamento dramático. Tá?

TUCA

Tá. E nesse seu “refinamento dramático”, se o “ato” já aconteceu, o que o Harry tá fazendo lá em cima com ele?

TATA

Não é **exatamente** o Harry.

(Pausa.)

TATA

Quê é?

TUCA

É o fantasma do Harry?

TATA

Não! É a consciência do Harry, que ainda não foi liberta da Terra. Vamos chamar assim. É liberdade poética. Isso pode.

TUCA

(Vai na risada) Não pode, não. Não com essa bosta de texto.

TATA

Ah, quer saber? Cansei!

(Tata coloca a mão na frente da sua câmera.)

TUCA

Tata. Qual é?

TATA

Faz sozinha

TUCA

Ah não acredito. Vai fazer draminha? Tata?

(Tuca olha em volta e pega um bonequinho de cachorro no seu quarto e começa a fazer chorinhos e gracinhas com ele. Quando a irmã reage positivamente volta a simulação, agora com o bonéco).

TUCA/HARRY

Que silêncio aqui em cima.

TATA/PAI

Tá ouvindo?

TATA

Tudo. Todo esse barulho.

TATA/PAI

É como se o barulho distante de cada carro passando, de cada ônibus, entrasse em contato com o meu cérebro e produzisse uns rangidos. Tipo uma unha quebrada arranhando na lousa, puxando o fio de lã do casaco, lixando uma pedra de mármore. Um dente trincado, rangendo. A sensação de uma unha quebrada passando nos meus dentes trincados, rangendo.

(A câmera da Tata sai de cena e entra a imagem panorâmica de um bonequinho de cão amarrado a um carrinho azul em um cenário circular.)

Cada vez que as patas pequenas dele batem no ladrilho vermelho do quintal, parece que uma orquestra de rangidos pequenos e estridentes estoura no meu ouvido.

(Pausa.)

Eu me lembro que tem essa corda na garagem. Da época em que eu tinha moto. Uma espécie de elástico com um gancho afiado em cada ponta.

(Pausa. O carrinho começa a se mexer até rodar rápido em círculos carregando o cachorrinho.)

Um dos lados estava meio frouxo, com o elástico gasto, e às vezes a corda se soltava, e o gancho se arrastava pelo asfalto, fazendo aquele barulho. O dente trincado e a unha quebrada, rangendo. Rangendo, rangendo, rangendo.

(O carrinho para. A câmera volta a mostrar Tata. Silêncio. A câmera desliga.)

7. JAULA 2

(As palavras aparecem na tela preta.)

Eu tenho um sonho recorrente.

Você começa a me enforcar. Você me enforca tão forte que eu sinto, na minha garganta de verdade, esse sonho arder. E você me diz assim: Cala a boca. E eu calo.

Passo horas sendo estrangulada e continuo viva, te alimentando.

No final, você goza feito um animal selvagem, e eu engasgo e morro.

Eu acordo completamente assustada, mas com uma sensação enorme de dever cumprido.

8. A VERDADE NÃO IMPORTA

(Fotos de família se seguem. O homem/pai está sempre rabiscado, cortado, retirado da imagem. As vozes das duas entram em off.)

TUCA

Eu não sei exatamente quanto ele tem de altura, mas ele parece mais alto.

TATA

Ele veste sempre as mesmas roupas, come sempre as mesmas comidas, frequenta sempre os mesmos lugares.

TUCA

Todos os cachorros que ele teve na vida têm o mesmo nome, e os carros têm a mesma cor.

TATA

A voz dele ecoa, é forte, áspera e macia ao mesmo tempo, e ocupa qualquer espaço.

TUCA

Quando ele morrer, aí sim eu vou estar sozinha no mundo.

TATA

Ele é uma sombra hoje, mas essa sombra é alguma coisa em que se apegar.

TUCA

A questão é: Não tem nada que a gente te diga aqui que precise ser verdade. Entende?

TATA

A gente está aqui tentando te contar uma história. Tentando te dizer quem ele é, ou quem ele foi.

TUCA

O problema é que quando a gente se acostuma a contar uma história várias e várias vezes, aos poucos a gente vai percebendo que a versão mais verdadeira dela, a mais fiel aos fatos, é também a que diz menos, a que menos dá conta de tudo isso.

TATA

Ela podia ter contado que ele tem 1,75. Ou que passou três horas naquele quarto.

TUCA

Eu podia ter dito que ele passou dois dias.

TATA

Mas porque ela escolheu dizer que ele ficou trancado com a mãe dela durante 14 horas e meia?

TUCA

O que isso faz pela gente? Isso ajuda a gente a entender quem ele foi, ou quem ele é?

(A câmera 1 da Tuca abre.)

Essa peça. Minha peça. Nossa peça agora.

TATA (A câmera 1 da Tata abre.)

Essa peça que a gente escreveu há tanto tempo. Que a gente inventou para que ela não tivesse a chance de nos inventar.

TUCA

Essa peça só pode estar aqui hoje porque foi quando eu percebi que a verdade não importa.

TATA

E se ele chegasse aqui? Aqui na tela com a gente.

TUCA

E se ele contasse a versão dele da história?

TATA

Você entenderia um pouco o lado dele? Esqueceria do nosso?

TUCA

Essa peça.

TATA

Nossa peça.

TUCA

Minha, sua e dele.

TATA

Essa peça só pode estar aqui hoje, na sua frente, porque um dia, bem debaixo do nariz dele, a gente transformou um homem em animal,

TUCA (Abre câmera Tata 2.)

depois em monstro,

TATA (Abre câmera Tuca 2.)

depois em pai,

TUCA

depois em poesia.

TATA

E foi dos rastros deste poema que a gente tirou isso aqui.

TUCA

E são esses rastros que a gente precisa que vocês enxerguem.

TATA

Antes que a gente mate ele de vez.

(Câmeras são desligadas.)

9. A HISTÓRIA DA MÃE

(Na volta das câmeras, Tuca prepara o aquário. Tata lê o texto mandado por Tuca direto do seu celular.)

TUCA

Tata

TATA

Que é?

TUCA

Pega esse texto que eu te mandei aí

TATA

Onde?

TUCA

Aí no streaming

TATA

Quê texto? Não tem nada aqui, não

TUCA

Ai droga! Pera aí... Pronto, vai aparecer aí. É só ler, ta?

(Na tela aparece apenas um pequeno aquário com uma família dentro. O texto que a Tata vai ler corre na parte inferior da tela.)

TATA

É preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo.

TUCA

Eu estou na sala da casa da minha avó. Lendo. É de manhã. Minha tia entra, se abaixa pra ficar da minha altura e diz: "Ela não vai mais voltar."

(O pequeno aquário começa a encher de água e cobrir a família aos poucos até estar cheio ao fim da cena.)

TATA

Mas, antes disso, o meu casaquinho vermelho está torto.

TUCA

É madrugada. Ele entra no quarto e me acorda. Pede pra eu PEGAR o casaquinho vermelho da minha irmã. A gente vai passear.

TATA

Mas, antes disso, eu escuto o chuveiro. Por 10, 20, 50 minutos, a água caindo.

TUCA

Uma gota de sangue aparece na camisa dele. E outra e outra e outra.

TATA

Porque, antes disso, de repente, os panos da lavanderia estão vermelhos, todos vermelhos. Os baldes também.

TUCA

E antes disso as mãos dele estão completamente manchadas. Parece que nunca mais vai sair.

TATA

Antes disso, ele esfrega.

TUCA

Antes disso, ele se ajoelha no chão, enfia as mãos no balde e esfrega.

TATA

Antes disso, ele chega em casa. Ele sai da caminhonete e ela não.

TUCA

Antes disso, ele coloca o corpo dela na caminhonete, com as roupas todas rasgadas, sujas, ensanguentadas. A pele esfolada, a cabeça deformada.

TATA

Antes disso, ele joga a corda fora. Por cima do muro de um terreno baldio.

TUCA

Antes, ele desamarra a corda que ele tinha amarrado no pescoço dela.

TATA

Antes, ele desamarra a outra ponta da corda, que ele tinha prendido no pino do guincho da caminhonete.

(Tata interrompe a leitura de suas falas.)

Tuca!

TUCA

Shiiii!

TATA

Tuca!

TUCA

Que é!

TATA

Não foi assim que aconteceu.

(A câmera volta a mostrar apenas a Tata.)

TUCA

Agora foi.

TATA

Você não pode mudar os fatos!

TUCA

Se eu não contar assim, ninguém vai acreditar.

TATA

Ele não arrastou a sua mãe no asfalto. Ele arrastou o Harry. O meu cachorro. A corda é minha prova, não sua.

(A tela se divide e mostrar as duas irmãs. Tuca ainda se arrumando de volta a sua câmera.)

TUCA

E é uma ótima prova. Eu só estou pedindo pra você me emprestar ela um pouco. Agora a gente já está quase acabando.

TATA

Não, não está. Não é assim que funciona. Traz as suas provas.

TUCA

Vou trazer o quê? Não tem nada.

TATA

Mas ela morreu.

TUCA

O que?

TATA

Ela morreu.

TUCA

Morreu.

TATA

Eu me lembro dela deitada no chão da cozinha.

TUCA

Eu também.

TATA

E foi ele que...

TUCA

Dá pra dizer que foi. Não com as próprias mãos, mas foi.

TATA

Você pode trazer alguma coisa que fez ela (faz as aspas com as mãos) "ir parar ali".

TUCA

Não foi uma coisa só que fez ela (faz as aspas com as mãos) "ir parar ali", Tata! Foi tudo.

TATA

Mas deve ter alguma coisa. Sempre tem alguma coisa que altera o estado da pessoa cadáver de pré-cadáver para pós-cadáver. Isso é básico.

TUCA

Não teve.

TATA

Olha só, tem várias opções. Uma faca, uma cadeira quebrada, um tapete escorregadio, um pouquinho de gordura estrategicamente localizada na artéria direita, um sanguinho pisado que sobe pro cérebro, qualquer coisa.

(Silêncio.)

TUCA

A tia disse que foi dos nervos. O motivo. Dos nervos.

TATA

Ah.

TUCA

Mas ela dizia isso de tudo. Pra ela tudo é problema dos nervos.

TATA

Entendi.

TUCA

Só que se eu tivesse contado isso, eles não iam entender. Não de verdade.

TATA

Não mesmo.

(Silêncio.)

TUCA

Tinha uma coisa.

TATA

O que?

TUCA (Tida procura numa gaveta.)

Uma cartela de comprimidos. Vazia. 36 comprimidos. Prova número 4?

TATA

De que cor?

TUCA

Como?

TATA

De que cor? É importante, pra gente conseguir visualizar.

TUCA

Não sei de que cor.

TATA

Inventa.

TUCA

Inventa?

TATA

Isso. Inventa.

TUCA

Mas não foi você que falou que a gente tinha que contar como aconteceu?

TATA

Mas não foi você que falou que se fosse assim eles não iam acreditar?

(Pausa)

Dá pra fazer assim tbm. Agora inventa.

TUCA

Eu não sei inventar.

(Silêncio.)

TATA

Vermelhos. Os comprimidos.

TUCA

Vermelhos?

TATA

Vermelhos.

TUCA

Não existem comprimidos vermelhos.

TATA

Existem. Esses eram.

TUCA

Tá.

TATA

Quanto ela tinha de altura?

TUCA

Ah, ela tinha...(Pensa por um tempo e percebe que não sabe) Eu não sei.

TATA

1,70.

TUCA

Ahn?

TATA

Ela tinha 1,70 de altura agora.

TUCA

Tá bom.

TATA

E a voz dela, como era?

TUCA

Eu... eu não sei, Tata, eu era muito pequena.

TATA

Era doce, macia, mas ocupava todo o espaço.

TUCA

Tá. Tá bom.

TATA

E o prato preferido dela? O que ela gostava de comer?

TUCA

Lasanha? Pudim?

TATA

Era mesmo?

TUCA

Não sei. Todo mundo gosta de lasanha e pudim, né?

TATA

Ah.

(Silêncio.)

TUCA

Quando eles entenderem quem ele é, acabou?

TATA

Ele morre. Quer dizer, acho que morre.

TUCA

Você acha?

TATA

Acho.

TUCA

Mas não tem certeza?

TATA

Não, não tenho.

10. JAULA 3

(Texto aparece sendo escrito na tela.)

Toda noite eu tenho um sonho recorrente.

E é por causa deste sonho que eu preciso contar pra vocês.

Só quando você entender quem ele era, é que eu vou poder ficar em paz.

Eu vou saber que eu alimentei, eu nutri esse monstro, esse monstro me amou, e eu o matei.

E é assim porque este era meu papel.

Como é também o papel de vocês.

É mais sutil do que parece. Nem sempre eles arrastam a nossa cara no asfalto. Às vezes a gente só deita no chão um pouquinho e é isso. Pronto. Acabou.

A gente precisa fazer alguma coisa. Qualquer coisa.

Quando acabar tudo isso aqui, aí, sim. Aí nós vamos poder acordar. Aí, sim.

11. EPÍLOGO - EU SOU ELA

(As duas atrizes aparecem trocando de figurino em um ambiente diferente do cenário. As câmeras apagam. Quando abrirem de novo cada atriz estará no mesmo cenário que antes era das irmãs.)

ATRIZ 1 (TUCA)

Oi, boa noite. Desculpa a demora. Estava muito difícil chegar aqui. Muitas peças online.

ATRIZ 2 (TATA)

Muitas peças online. Eu tive que passar por um monte pra chegar até aqui.

ATRIZ 1

Desculpa se eu estiver um pouco confusa, se esquecer uma fala ou outra.

ATRIZ 2

Tá todo mundo me vendo? Se alguém não estiver me vendo, por favor, fala.

ATRIZ 1

Eu estou aqui. Eu sou a atriz.

ATRIZ 2

A atriz. A atriz que ela chamou aqui. Eu cheguei no fim, bem no finzinho, mas talvez ainda dê tempo.

ATRIZ 1

A peça acabou. Se tivesse um sinal, tipo aqueles que tocam no começo, um sinal pra avisar que as peças acabam, eu tocaria ele bem aqui. Mas não tem.

ATRIZ 2

No teatro, é tipo na vida. É mais comum que a gente só saiba quando começa. Quando termina, fica sempre meio incerto.

ATRIZ 1

Eu sou a atriz que ela chamou aqui hoje. Mas, agora, finge que eu sou ela.

ATRIZ 2

Eu sou tipo ela. Pra todos os efeitos.

ATRIZ 1

Tipo uma meia irmã dela.

ATRIZ 2

A gente não é igual, nem parecida, na verdade. Mas tem umas dores que ela sente e que eu sinto também.

ATRIZ 1

Tem alguma coisa que liga a gente. Sabe como é? Alguma coisa que é forte, mas não é suficiente.

ATRIZ 2

E que, se for parar pra pensar, liga vocês também.

ATRIZ 1

Mas, pra todos os efeitos, eu aqui, hoje, eu sou ela agora.

ATRIZ 2

E eu vou contar pra vocês. Eu vou tentar falar o que ela queria ter dito, mas não conseguiu. Parece que conseguiu, mas não conseguiu.

ATRIZ 1

Porque só uma atriz poderia fazer isso. Eu a atriz. Agora. Pronto. Acabou.

ATRIZ 2

Sabe aquela sensação que você tem quando está sozinha em uma casa escura, todas as luzes apagadas e você ouve um barulho? Um barulho de verdade, um barulho indiscutível? É isso.

ATRIZ 1

Sabe quando por algum motivo completamente aleatório você percebe que seu pai é um homem como outro qualquer e começa a imaginar quais foram, de verdade, as experiências de vida dele? É isso.

ATRIZ 2

Sabe quando depois de 10, 15 minutos, você começa a se questionar sobre se o barulho realmente aconteceu ou se foi coisa da sua cabeça? É isso.

ATRIZ 1

Sabe quando você imagina, considerando os lugares e momentos históricos em que ele viveu, de quantas mulheres o seu pai talvez já tenha abusado na vida? É isso.

ATRIZ 2

Sabe quando você pensa que, mesmo se for coisa da sua cabeça, talvez seja real? É isso.

ATRIZ 1

Sabe quando você começa a pensar em quantas vezes o seu pai talvez já tenha fantasiado um estupro, por exemplo? É isso.

ATRIZ 2

Sabe quando você pensa que talvez seja hoje que você tenha ficado louca, e de trás daquela porta vai sair alguém? (Pausa) Porque vamos supor que esse barulho não aconteceu mesmo.

ATRIZ 1

Vamos supor que você inventou isso.

ATRIZ 2

Sua cabeça fez isso com você.

ATRIZ 1

Isso seria menos pior? Menos verdadeiro? Menos perigoso?

ATRIZ 2

Sabe quando você decide que a qualquer momento alguém pode virar naquele corredor ali e não importa se ele é real ou se é uma invenção da sua cabeça?

ATRIZ 1

É isso.

ATRIZ 2

É exatamente isso.

ATRIZ 1

Pronto.

ATRIZ 2

Ufa.

(Silêncio.)

ATRIZ 1

Acabou?

ATRIZ 2

O quê?

ATRIZ 1

Isso. Isso tudo aí.

ATRIZ 2

Ainda não.

(Silêncio.)

ATRIZ 1

E agora?

(Câmeras são desligadas.)